



# A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO E O PARADIGMA DA DESTRUIÇÃO DA MEMÓRIA EM *A CASA DOS NÁUFRAGOS*, DE GUILLERMO ROSALES

## LA EXPERIENCIA DEL EXILIO Y EL PARADIGMA DE LA DESTRUCCIÓN DE LA MEMORIA EN *LA CASA DE LOS NÁUFRAGOS*, DE GUILLERMO ROSALES

Isaque de Moura Gonçalves Neto\*

\* mouradeisaque@hotmail.com  
Mestrando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integrante do Grupo de Pesquisa em Teorias do Espaço Ficcional na UFPI. Autor do livro de contos *No meio do tiroteio* (Ed. Kazuá, 2017).

RESUMO: Publicada originalmente no ano de 1987, *La casa de los naufragos* é considerada a obra mais importante do escritor cubano Guillermo Rosales. O livro, cujo tema central narra o processo de exílio e internação psiquiátrica do personagem William Figueras, parte de uma premissa amparada na frustração e na loucura para questionar temas como o degredo e o regime de violação do “eu” de indivíduos submetidos à disciplina de instituições manicomiais. Nesse sentido, a partir da experiência de expatriação encarnada pelo próprio autor e dos estudos de Rosset (1988) e Ricoeur (2010), pretende-se analisar os mecanismos de desenraizamento e destruição da memória presentes no romance, especialmente o aspecto da loucura enquanto dinâmica de apagamento do “eu” e negação da realidade. Abordam-se ainda, entre outros, os pressupostos teóricos de Yi-Fu Tuan (2005) na constituição das paisagens do medo, e as reflexões sobre identidade cultural nos contextos diaspóricos, de Stuart Hall (2003). As análises foram realizadas com base na edição brasileira do romance *A casa dos naufragos* (2011), publicada pela Companhia das Letras e traduzida por Eduardo Brandão. A pesquisa apropria-se da representação ficcional do exílio no sentido de compreender as consequências que este instrumento institucional produz sobre a identidade e memória individual do sujeito, bem como os meios utilizados pelo autor-personagem para afastar-se de seu passado e, mais genericamente, de sua própria história. Antes de tudo, uma história de sofrimento, desumanização e desesperança.

PALAVRAS-CHAVE: Guillermo Rosales; *A casa dos naufragos*; Exílio; Identidade; Memória

RESUMEN: Publicada originalmente en el año de 1987, se considera *La casa de los naufragos* la obra más importante del escritor cubano Guillermo Rosales. El libro, cuyo tema central narra el proceso de exilio e internación psiquiátrica del personaje William Figueras, parte de una premissa amparada en la frustración y en la locura para cuestionar temas como el degredo y el régimen de violación del “yo” de individuos sometidos a la disciplina de instituciones manicomiales. En ese sentido, a partir de la experiencia de expatriación encarnada por el propio autor y los estudios de Rosset (1988) y Ricoeur (2010), se pretende analizar los mecanismos de desarraigo y destrucción de la memoria presentes en la novela, especialmente el aspecto de la locura como una dinámica de eliminación individual y negación de la realidad. Para ello, se abordan, entre otros, los presupuestos teóricos de Yi-Fu Tuan (2005), en la constitución de los paisajes del miedo, y las reflexiones sobre la identidad cultural en los contextos de la diáspora, de Stuart Hall (2003). Los análisis se realizaron con base en la edición brasileña de la novela *A casa dos naufragos* (2011), publicada por Companhia das Letras y traducida por Eduardo Brandão. La investigación se apropia de la representación ficcional del exilio en el sentido de comprender las consecuencias que este instrumento institucional produce sobre la identidad y memoria individual del sujeto, así como los medios que utiliza el autor-personaje para alejarse de su pasado y, más en general, de su propia historia. Ante todo, una historia de sufrimiento, deshumanización y desesperanza.

PALABRAS CLAVE: Guillermo Rosales; *La casa de los naufragos*; Exilio; Identidad; Memoria.

## INTRODUÇÃO

A trajetória de vida do escritor cubano Guillermo Rosales (Havana, 1946 – Miami, 1993) poderia ser descrita como a história da antimemória. Isso porque a própria reconstrução de sua biografia pressupõe um desafio para críticos e historiadores: poucos foram os registros documentais deixados pelo autor, o que inclui alguns livros escritos, uma dezena de cartas e fotografias, além de testemunhos esparsos de familiares e amigos. Tomado pela raiva e por extremas variações de humor, Rosales destruiu grande parte de sua produção ficcional. De acordo com a crítica literária Ivette Leyva Martínez (2002-2003, p. 105, tradução nossa), “[Rosales] não fazia versões de suas obras; escrevia e rasgava papéis na mesma velocidade. A mãe guardava seus escritos trancados num armário, mas ele vinha e abria o móvel por trás, e depois os destruía”.<sup>1</sup>

Os amigos que conviviam com o escritor quase sempre o descreviam como um sujeito pessimista, agressivo e deslocado. “Lembro de um, Guillermo, violento, bonito, arrogante, um pouco louco”<sup>2</sup> “um excelente romancista, que [agora] se deixa consumir em uma casa para desabilitados em Miami”<sup>3</sup> (ARENAS, 2011, p. 22 e p. 109, respectivamente, tradução nossa). Ou ainda, conforme José Abreu Felipe (2005, p. 43, tradução nossa) em “Guillermo Rosales, la soledad y la cólera”: “um ser marginal, alucinado e violento,

permanentemente perseguido pelas fúrias. [...] Havia perdido todos os dentes e era apenas um saco de ossos coberto de pele e trapos fedorentos”.<sup>4</sup>

Perseguido por vozes e visões que o atormentavam e quase sempre descrito pelos amigos como um sujeito pessimista, agressivo e desajustado, Rosales não poupava esforços para destilar toda a sua desilusão em personagens nutridos pelo desespero e pela permanente sensação de derrota. Questionada sobre o escritor, a irmã de Rosales, Leyma (2002 apud MARTÍNEZ, 2002-2003, p. 105, tradução nossa), assim o definiu: “Não conheci outra pessoa com tanta capacidade de autodestruição. Era como uma chama que ia se apagar a qualquer momento, só não sabíamos quando”.<sup>5</sup> Apesar das tentativas de apagamento – de si próprio e das obras que produzia – a figura do escritor resistiu ao tempo, especialmente pela capacidade de representar a angústia de uma geração flagelada pelo medo e pela repressão de um sistema autoritário e excludente.

Martínez (2007-2008, p. 48, tradução nossa), em artigo publicado na revista cubana *Encuentro*, admite: “Durante meses consegui reunir muitas informações sobre os anos de Rosales em Miami, mas não se sabia quase nada sobre a sua vida antes do exílio”<sup>6</sup>. Sabe-se, contudo, que durante a juventude, Rosales foi professor, empregado de escritório, roteirista e colaborador eventual em revistas e periódicos.

4. “[...] un ser marginal, alucinado y violento, permanentemente perseguido por las furias. [...] Había perdido todos los dientes y era apenas una armazón de huesos cubierta de pellejos y trapos malolientes”.

5. “No he conocido otra persona con tanta capacidad de autodestrucción. Era como un esplendor que en cualquier momento se iba a apagar, solo que no sabíamos cuando”.

6. “Durante meses logré recopilar mucha información sobre los años miamenses de Rosales, pero no se sabía casi nada sobre su vida antes de exiliarse.”

1. “No hacía versiones de sus obras; escribía y rompía papeles a la misma velocidad. La madre guardaba sus escritos bajo llave en el armario, pero el venía y desfondaba el mueble por detrás, y luego los destruía.”

2. “Recuerdo a uno, Guillermo, violento, guapo, altanero, un poco enloquecido”.

3. “[...] un excelente novelista, [ahora] se consume en una casa para deshabilitados en Miami”.

7. “Creo que la experiencia de quien vivió en el comunismo y el capitalismo y no encontró valores sustanciales en ninguna de ambas sociedades [sic], merece ser expuesta. Mi mensaje ha de ser pesimista, porque lo que veo y vi siempre a mi alrededor no da para más. No creo en Dios. No creo en el Hombre. No creo en ideologías.”

8. Segundo Marques (2009, p. 12), “a Geração Mariel foi antes de tudo a tomada de consciência de seus integrantes, ao chegarem aos Estados Unidos da América em 1980, de sua condição marginal e de não estarem inseridos em nenhum dos projetos holísticos nacionais da cubanidade: seja no projeto revolucionário que estava historicamente calcado na luta nacionalista e antiimperialista por uma Cuba Libre, e tampouco na hegemonia da comunidade cubana de Miami com sua defesa da aproximação aos Estados Unidos da América e do capitalismo como única forma de desenvolvimento do país, além dos

Como jornalista, trabalhou inicialmente em publicações que apoiavam a Revolução Cubana, mas na década de 80 foi exilado do país por romper com o regime de Fidel Castro. Sobre a ruptura, em entrevista à revista hispano-americana *Mariel* (1986, ano 1, vol. 3), o escritor declarou:

Creio que a experiência de quem viveu no comunismo e no capitalismo e não encontrou valores substanciais em nenhuma de ambas as sociedades merece ser exposta. Minha mensagem será sempre pessimista, porque o que vejo e vi sempre ao meu redor não dá para mais. Não creio em Deus. Não creio no Homem. Não creio em ideologias. (ROSALES, 1986 apud MARTÍNEZ, 2002-2003, p. 99-100, tradução nossa).<sup>7</sup>

Apesar de seu nome estar constantemente associado à denominada “Geração Mariel”<sup>8</sup> (grupo de intelectuais, artistas e escritores exilados, dissidentes do regime revolucionário cubano), Rosales não pertenceu efetivamente ao grupo. Segundo Marques (2009, p. 242-243), a Rosales não interessava a adesão a um propósito de resistência, tampouco compactuava com os valores sustentados pelos membros: “Ele [Rosales] não era mais um idealista e não conseguia acreditar na construção de uma identidade capaz de abarcar os sentimentos de toda uma geração de desterrados”. Nesse sentido, mantinha contato com alguns

dos editores da *Revista Mariel de Arte y Literatura* (1983-1985), tais como os escritores Carlos Victoria e Reinaldo Arenas, mas seguia refratário ao projeto de construção identitária proposto pelos integrantes.

Diagnosticado com esquizofrenia<sup>9</sup>, Rosales passou por diversas instituições psiquiátricas ao longo da vida, daí o teor fortemente autobiográfico presente em seu romance *A casa dos naufragos* (2011). O livro, narrado em primeira pessoa, conta a história do personagem William Figueras, escritor exilado da Ilha de Cuba que, assim como Rosales, acaba internado pela família em um sanatório para inválidos e incapacitados mentais.

Nos anos que se seguiram à publicação do romance, Rosales foi lido pela comunidade hispano-americana de Miami, mas permaneceu desconhecido do grande público até pouco tempo. Teve o seu romance traduzido para o inglês apenas nos anos 2000. Outra obra sobrevivente – e publicada postumamente – foi o livro *El juego de la viola* (1967).<sup>10</sup> Além delas, no final da década de 80, Rosales escreveu um livro intitulado *El alambique mágico* (ainda inédito). Em 1993, o escritor cometeu suicídio.

Nas reflexões propostas neste artigo, investigam-se os mecanismos de desenraizamento e destruição da memória individual presentes na obra *A casa dos naufragos*, tomando-se

pressupostos morais anteriores à Revolução de 1959.”

9. Em 1963, Rosales foi convocado para o serviço militar obrigatório, de onde deu baixa depois de ser internado no hospital de Mazorra, em Havana, por problemas psiquiátricos. Em 1965, na Tchecoslováquia, sofreu uma demorada crise nervosa. Depois, na União Soviética, foi internado num hospital psiquiátrico e teve diagnóstico de esquizofrenia. De volta a Cuba, entre 1966 e 1967, também recebeu tratamento psiquiátrico, embora os médicos cubanos acreditassem que ele sofresse simplesmente de “transtornos de personalidade”.

10. *El juego de la viola* (1967) foi finalista do prêmio Casa de las Américas – que tinha como júri, entre outros, os escritores Julio Cortázar e Noé Jitrik –, mas na época não chegou a ser publicado.

como referência a edição brasileira do romance, editada pela Companhia das Letras e traduzida por Eduardo Brandão. A análise apresentada compreende a representação ficcional do exílio e as consequências deste instrumento institucional sobre a identidade e a memória individual do sujeito. Nessa perspectiva, mobilizam-se os pressupostos teóricos de Yi-Fu Tuan (2005), na constituição das paisagens do medo, e as reflexões sobre identidade cultural em contextos diaspóricos, de Stuart Hall (2003), relacionando-as ao romance de Guillermo Rosales.

### EXÍLIO E RECLUSÃO NO ROMANCE *A CASA DOS NÁUFRAGOS*

Embora *A casa dos naufragos* (2011) seja considerada por muitos uma obra clássica da literatura cubana – entre os quais, os escritores Reinaldo Arenas, Octávio Paz e Carlos Victoria –, poucos foram os estudos que se debruçaram sobre a dimensão do romance, a exemplo dos trabalhos de Ivette Leyva Martínez em “Guillermo Rosales o la cólera intelectual” (2002-2003) e de Mariela Alejandra Escobar em “Guillermo Rosales: Por los bordes de los márgenes” (2009). Outras análises, mais abrangentes, costumam abordar tangencialmente a narrativa, correlacionando-a a outras obras produzidas no mesmo período, convencionalmente referenciado pelo termo “literatura diaspórica”. Juan Carlos

Castillón, em seu artigo “Donde no se admite el fracasso”, assim caracteriza o romance:

No livro há sobretudo talento. A sujeira, a humilhação, o cheiro da derrota que se desprende dessas casas em que se abandona “a gente que sobra”, nunca tiveram um melhor cronista. Há também um passado de desilusões e fracassos que são de toda uma geração e não apenas dos protagonistas [...] (CASTILLÓN, 2004, p. 7, tradução nossa).<sup>11</sup>

Em *A casa dos naufragos*, já nas primeiras páginas o leitor é apresentado ao protagonista William Figueras. Com grande expectativa os parentes o aguardam no aeroporto, pois William, até então, é visto como um jovem promissor pelos seus semelhantes. No entanto, ao desembarcar, a família toma consciência do nível de decadência e desequilíbrio mental da figura que surge diante de todos:

Um dia, acreditando que uma mudança de país me salvaria da loucura, saí de Cuba e cheguei ao grande país americano. Aqui me esperavam uns parentes que não sabiam nada da minha vida e que depois de vinte anos de separação já nem me conheciam. Acreditaram que chegaria um futuro vencedor [...]; e o que apareceu no aeroporto no dia da minha chegada foi um tipo enlouquecido, quase sem dentes, magro e assustado, que tiveram de internar naquele mesmo dia

11. “En el libro hay sobre todo talento. La mugre, la humillación, el olor a perdedor que se desprende de esas casas en las que se abandona a la gente que sobra, nunca han tenido un mejor cronista. Hay también un pasado de desilusiones y fracasos que es el de toda una generación y no sólo el de los protagonistas [...]”

num asilo psiquiátrico porque olhava com receio para toda a família e em vez de abraçá-los e beijá-los os insultou. Sei que foi uma grande decepção para todos. Especialmente para minha tia que esperava uma grande coisa. E o que chegou fui eu. Uma vergonha. (ROSALES, 2011, p. 10-11).

Rejeitado pela família, William hospeda-se com uma de suas tias, Clotilde, que se compadece da situação do rapaz. Três meses depois, contudo, em meio a sucessivas crises, a tia decide levá-lo a uma *boarding home*, espécie de asilo psiquiátrico destinado a idosos, desabrigados e incapacitados mentais. A postura ofensiva e o comportamento agressivo de William também contribuem para a decisão da tia em interná-lo. Sobre as *boarding homes*, Cabrera e Marques (2009, p. 245) destacam:

Estes abrigos são, no romance, (...) pequenos manicômios onde se depositam os que não têm para onde ir e os destituídos da capacidade de adaptação à sociedade. Embora não fossem oficialmente considerados doentes mentais, nem os seus hóspedes estivessem lá obrigados juridicamente, os abrigos, ou *boarding homes*, são relatados como uma espécie de limiar da cidadania, cujos hóspedes dificilmente se recuperavam. (CABRERA; MARQUES, 2009, p. 245).

Na *boarding home*, portanto, estão todos aqueles que potencialmente ameaçam ou perturbam a ordem pública: os inadaptados, os indesejados, os maníacos, os doentes, os alcoólatras, os velhos. A grande maioria com diagnósticos imprecisos e genéricos. Indivíduos que não devem fazer parte da convivência cotidiana porque em alguma medida se desviam da hegemonia da norma. É nesse cenário desolador em que as pessoas são abandonadas à própria sorte, restando a estas a submissão a um rigoroso ciclo de deterioração pessoal, cujos resultados mais evidentes culminam na experiência do desespero e da violação sistemática da estrutura do eu. O que o hospício lhes reserva, além da humilhação e do confinamento, é simplesmente o sofrimento, o abandono e a miséria.

Na definição apontada no romance pelo personagem William Figueras, a *boarding home* “era uma desses abrigos marginais para onde vai a gente que a vida desenganou. Loucos em sua maioria. Mas às vezes também há velhos abandonados por suas famílias para que morram de solidão e não atrapalhem a vida dos vencedores” (ROSALES, 2011, p. 7). Ou ainda: “[...] uma dessas casas que recolhem a escória da vida. Seres de olhos vazios, bochechas secas, bocas desdentadas, corpos sujos” (ROSALES, 2011, p. 8).

Tuan (2005, p. 300), ao refletir sobre os temas do exílio e da reclusão, aponta que as sociedades utilizavam tais

mecanismos como estratégias de manutenção da ordem, a fim de controlar os indivíduos que representavam ameaças ao cumprimento das normas – os loucos, os transgressores, os vagabundos e os desarraigados. Assim, no sentido de evitar os perigos do caos interno, os elementos marginais eram penalizados com a expulsão do corpo social (exílio) ou com o isolamento físico (reclusão). É o que acontece com William, o anti-herói da narrativa: excluído de seu lugar de origem (a ilha de Cuba), é afastado do convívio social e internado na *boarding home*. “Para a nossa maneira de pensar, a resposta mais simples contra a ameaça de pessoas incontroláveis é confiná-las em um espaço, isto é, em prisões e asilos” (TUAN, 2005, p. 300).

No romance, há dois personagens que figuram enquanto “equipe dirigente”, responsáveis pela administração do espaço: o Sr. Curbelo, proprietário da casa, frequentemente descrito como um sujeito ambicioso e avaro; e Arsenio, o encarregado, um sádico que dedica os dias a tomar cerveja, abusar sexualmente das mulheres do asilo e roubar os objetos pessoais dos internos. Na prática, é quem assume a verdadeira chefia do lugar – e reproduz, em grande medida, a personificação da corrupção e da violência: “[...] dá tapas em Reyes, o caolho; abre as gavetas de qualquer um em busca de dinheiro e passeia por toda a *boarding home* com uma

faca afiada na cintura.” (ROSALES, 2011, p. 20). William observa:

[...] Arsenio está satisfeito. Não tem família, não tem profissão, não tem aspirações na vida, e aqui na *boarding home* ele é um chefe. Pela primeira vez na vida, Arsenio se sente realizado num lugar. Além do mais, sabe que Curbelo nunca o despedirá. “Eu sou tudo para ele”, costuma exclamar. “Nunca encontrará outro como eu”. É verdade. Por setenta pesos por semana Curbelo não encontrará em todos os Estados Unidos outro secretário como Arsenio. Não encontrará (ROSALES, 2011, p. 21).

A *boarding home*, administrada e mantida por particulares subvencionados pelo poder público, opera na lógica de mercado: trata-se, antes de qualquer coisa, de um negócio feito para lucrar, e não para servir, pouco importando a saúde ou o bem-estar das pessoas. A comida é escassa e a estrutura física revela-se incompatível às necessidades dos internos, que são depositados em quartos pequenos e sujos, além de serem obrigados a compartilhar objetos básicos, inclusive itens de higiene pessoal: “Há três banheiros, mas um deles (o melhor) é do chefe, o sr. Curbelo. Os outros dois estão sempre com a privada entupida [...]. O sr. Curbelo não dá papel higiênico. Embora por lei devesse dar.” (ROSALES, 2011, p. 12). Além disso, a alimentação na casa é servida

em condições precárias, quase sempre em quantidades insuficientes: “[...] como sabem que se trata de uma casa de loucos, escolhem o pior do repertório e mandam de qualquer jeito em dois panelões sebetos. Deviam mandar comida para vinte e três, mas só mandam para onze.” (ROSALES, 2011, p. 12). Todas essas condições geram um ambiente insalubre e asfixiante, agravado pelos abusos e deliberada violência infligidos aos pacientes.

Esses padrões de tratamento estavam historicamente vinculados à construção simbólica de que “o louco, para sarar, devia ser removido da ordem social [...] e colocado em um meio ambiente isolado e especialmente criado onde prevalecessem a ordem e as rotinas disciplinadas.” (TUAN, 2005, p. 317). Daí a configuração repressiva do hospital psiquiátrico: “[...] seu aspecto exterior maciço, tão diferente das casas comuns, simbolizava o poder de um sistema totalitário. Porém, o poder tinha como finalidade restabelecer a ordem mental perturbada” (TUAN, 2005, p. 317-318).

Escobar conclui que a relação entre o personagem e o espaço habitado sustenta-se como uma das questões fundamentais do romance. Mesmo o protagonista possuindo uma relativa “liberdade” para transitar por outros lugares, a saída temporária da *boarding home* não o exime do estigma que carrega:

O interior e o exterior se apresentam como espaços agonizantes, asfixiantes, estriados; não há, em todo o texto, um espaço liso, fluido, que permita ao protagonista descansar ou abrigar-se. O interior está representado pela *boarding home*; o exterior, pela *Down Town, Flagler Street, La pequeña Habana*, as ruas 8 e 23, ruas e bairros próximos que são buscados nas saídas mencionadas. Pode-se pensar, também, uma relação interior-exterior, ainda mais abstrata que os espaços menores, representada por Miami e Cuba. Ambas aparecerão entrecruzadas, ligadas e alienadas.<sup>12</sup> (ESCOBAR, 2009, p. 52, tradução nossa)

William é como um fantasma que vaga pelas ruas de Miami, como um corpo invisível cuja existência não é notada. Em sua reiterada percepção pessoal, a rua é ocupada pelos vencedores, ao passo que a *boarding home* é o lugar destinado a tipos como ele, os loucos, os perdedores, os “escombros humanos”:

Saio da varanda. Vou para a rua, onde estão os vencedores. [...] Avanço. E, seguindo, vejo meu corpo refletido na vidraça das lojas. Meu corpo doente. Minha boca estropiada. Minha roupa suja e elementar. Avanço. Numa esquina há duas mulheres testemunhas de Jeová vendendo a revista *Despertar*. Abordam todo mundo, mas me deixam passar sem me dirigir

12. El interior y el exterior se presentan como espacios agónicos, asfixiantes, estriados; no hay, en todo el texto, un espacio liso, fluido, que permita al protagonista descansar o cobijarse. El interior está representado por el *boarding home*; el exterior, por el *Down Town, Flagler Street, La pequeña Habana*, las calles 8 y 23, calles y barrios cercanos que son recorridos en las salidas mencionadas. Puede pensarse, también, una relación interior-exterior, aún más abstracta que los espacios menores, representada por Miami y Cuba. Ambas aparecerán entrecruzadas, ligadas y alienadas.”

a palavra. O Reino não foi feito para esfarrapados como eu. (ROSALES, 2011, p. 28-29)

Em sua prosa agressiva, Rosales discorre sobre a realidade desses seres assujeitados, cuja condição de desajuste os afasta de qualquer tentativa de redenção; seres abandonados e marginalizados, submetidos a um sistema intransponível de opressão e degradação moral. Essas criaturas, consumidas pelo desengano, pela loucura e pela solidão, assumem integralmente a metáfora do esgotamento físico e psíquico. Escobar (2009, p. 54, tradução nossa), referindo-se ao romance, afirma que “os personagens são o paradigma da decrepitude: vivem sozinhos, não têm ninguém que os assista, têm manifestações físicas que demonstram sua insanidade psíquica que, em geral, relacionam-se com o escatológico”<sup>13</sup>. Parte dessas características pode ser verificada quando o próprio narrador-personagem apresenta seus companheiros de asilo:

Ali estavam todos. René e Pepe, os dois retardados mentais; Hilda, a velha decrepita que urina constantemente em seus vestidos; Pino, um homem apagado e silencioso que só faz olhar para o horizonte com um semblante duro; Reyes, um velho caolho, cujo olho de vidro supura continuamente uma água amarela; Ida, a grande dama arruinada; Louie, um iaque forte de pele azeitonada, que uiva constantemente como um lobo enlouquecido; Pedro, um índio velho, talvez

peruano, testemunha silenciosa da maldade do mundo; Tato, o homossexual; Napoleão, o anão; e Castaño, um velho de noventa anos que só sabe gritar: “Quero morrer! Quero morrer! Quero morrer!” (ROSALES, 2011, p. 8).

A narrativa avança com as descrições de William sobre as relações e o cotidiano da *boarding home*, até a entrada de uma nova personagem, Francis. Assim como William, Francis também é uma cubana exilada com sintomas de esquizofrenia. Os dois iniciam um relacionamento e, com isso, passam a enxergar a possibilidade de saírem do manicômio. Planejam uma vida juntos, com um futuro diferente daquela realidade vivida na *boarding home*. Surge então a esperança de um novo destino:

Avançamos. Enquanto andamos vou planejando os passos que darei. Amanhã, dia 1º, chegam nossos cheques do seguro social. Falo com Curbelo e peço o meu e o de Francis. Depois pegamos as malas, chamo um táxi e vamos procurar uma casa. Pela primeira vez em muitos anos, um pequeno raio de esperança irrompe no enorme buraco do meu peito vazio. Sem perceber, estou sorrindo (ROSALES, 2011, p. 74).

No entanto, quando da chegada dos pagamentos do seguro social, Curbelo recusa-se a entregar o cheque de Francis, ocasião em que William decide roubá-lo. Agora,

13. “Los personajes son el paradigma de la decrepitud: viven solos, no tienen a nadie que los asista, tienen manifestaciones físicas que demuestran su insanía psíquica que, por lo general, se relacionan con lo escatológico.”

com o dinheiro em mãos, os dois fogem, mas acabam apanhados pela polícia. William é transferido para outra unidade manicomial e Francis é reconduzida à *boarding home*. Algumas semanas se passam e William consegue convencer o psiquiatra da clínica, o Dr. Paredes, a falar com Curbelo, no sentido de pedir a liberação de Francis. Mais uma vez, o plano fracassa: Francis não está mais ali – foi removida da casa pela própria família. A perspectiva de uma nova fuga é desterrada.

O livro encerra-se com a confirmação de que na história de William nada pode mudar: está definitivamente entregue a uma condição invariável de abandono, miséria e desolação. Sem sinal de esperança em parte alguma. A *boarding home* é o seu lugar; o lugar dos perdedores, dos loucos, dos fracassados. O único horizonte possível.

*Boarding home! Boarding home!* Já faz três anos que vivo nesta *boarding home*. Castaño, o velho centenário que quer morrer constantemente, continua gritando e fedendo a urina. Ida, a grande dama arruinada, continua sonhando que seus filhos de Massachussetts virão um dia resgatá-la. Eddy, o louco versado em política internacional, continua atento aos noticiários da televisão, pedindo aos gritos uma terceira guerra mundial. Reyes, o velho caolho, continua supurando humor por seu olho de vidro. Arsenio continua mandando. Curbelo segue

vivendo sua vida de burguês com o dinheiro que tira de nós. (ROSALES, 2011, p. 102)

O protagonista William Figueras é uma espécie de *alterego* do próprio Rosales, que por muito tempo viveu em estabelecimentos psiquiátricos. De acordo com Martínez (2002-2003, p. 105), *Boarding Home* refere-se a *Happy Home*, um dos asilos pelos quais Rosales passou. Outras equivalências seguem presentes, ao compararem-se autor e personagem: ambos são escritores, vivenciam a experiência do exílio e sofrem de transtornos psiquiátricos. Alfonso também realça algumas dessas semelhanças entre autor e personagem:

Oriundo de uma família disfuncional e com reiteradas obsessões e manifestações de violência, ao chegar a Miami em janeiro de 1980 sua nova realidade não deixou de ser angustiante e hostil. Rejeitado pela família que o recebe, e com apenas três ou quatro amigos em quem confiar, [Rosales] perambulou durante os treze anos que viveu nessa cidade por hospitais psiquiátricos, *boarding homes*, quartos e pequenos apartamentos (ALFONSO, 2015, p. 45, tradução nossa).<sup>14</sup>

Rosales constrói um enredo no qual a solidão, a humilhação e a sujeira assentam sobre as vidas desumanizadas de personagens atormentados por um sistema que os aprisiona

14. “Proveniente de una familia disfuncional y con manifestaciones reiteradas de violencia y obsesiones, al llegar a Miami en enero de 1980 tampoco la nueva realidad dejó de serle angustiada y hostil. [...] Rechazado por la familia que lo recibe, y con apenas tres o cuatro amigos en quienes confiar, deambuló durante los trece años que vivió en esa ciudad por hospitales psiquiátricos, *boarding homes*, habitaciones y apartamentos reducidos.”

e os mortifica. Figuras imersas na loucura e no desespero, cujos corpos imprimem as marcas da violência e da crueldade, infligidas no processo de reclusão dos internados.

### DESTRUIÇÃO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E APAGAMENTO DO EU

José Abreu Felipe, em publicação intitulada “Guillermo Rosales, la soledad y la cólera”, afirma:

Rosales foi um estrangeiro, um viajante na terra, um exilado total, como disse a respeito de si mesmo em certa ocasião. Um ser consumido pela impotência e pela raiva, que odiava todas as ditaduras e todas as ideologias. Que lutou, enquanto pôde, contra tudo e contra todos, e a quem devemos agradecer por se impor a seu destino e nos deixar parte de sua fúria impressa no papel. Ele pertence àquela raça incomum de criadores solitários com um talento extraordinário e, de uma maneira ou de outra, tocados pela loucura que, quando pensamos que estão definitivamente extintos, afloram aqui e ali. Seres malditos e marginais, quase por definição, mas que nunca morrem (FELIPPE, 2005, p. 44, tradução nossa).<sup>15</sup>

A condição de “exilado total” definida por Rosales circunscrevia o próprio impulso do autor em romper os laços com a ilha de Cuba, com os sistemas ideológicos aos

quais estava submetido e, mais genericamente, com a sua própria história de vida. Tratava-se, portanto, não apenas de uma tentativa de deslocar-se de seu país de origem – era um desejo maior: o de escapar de si mesmo e de tudo o que o formava enquanto *ser*. Uma fuga sem destino possível. O personagem William compartilha do mesmo anseio em suas sucessivas tentativas de apagamento e destruição da memória. Ao avaliar sua própria condição de fugitivo, por exemplo, William prefere esquecer de seu passado, assumir a própria posição de deslocamento e despertencimento, romper as raízes afetivas e culturais que o identificam como um nacional:

Fui posto em mais de três hospícios desde que estou aqui, na cidade de Miami, onde cheguei faz seis meses fugindo da cultura, da música, da literatura, da televisão, dos eventos esportivos, da história e da filosofia da ilha de Cuba. Não sou um exilado político. Sou um exilado total. Às vezes penso que, se tivesse nascido no Brasil, na Espanha, na Venezuela ou na Escandinávia, também teria fugido de suas ruas, seus portos e campos. (ROSALES, 2011, p. 8).

Sobre o tema, Escobar (2009, p. 54, tradução nossa) afirma que o protagonista do romance se define “como alguém que foge: foge dos espaços internos e externos porque não tem lugar nem em seu interior nem em seu exterior. A única

15. “Rosales fue un extranjero, un viajero sobre la tierra, un exiliado total, como dijo en una ocasión de sí mismo. Un ser consumido por la impotencia y la rabia, que odiaba todas las dictaduras y todas las ideologías. Que luchó, mientras pudo, contra todo y contra todos, y al que tenemos que agradecer que lograra imponerse a su destino y nos dejara parte de su furia impresa en el papel. Él pertenece a esa insólita raza de creadores solitarios con un talento extraordinario y de alguna u otra manera tocados por la locura que, cuando creemos definitivamente extintos, afloran aquí o allá. Seres malditos y marginales, casi por definición, pero que nunca mueren.”

16. “Como alguien que huye: huye de los espacios internos y externos porque no tiene lugar ni en su interior ni en su exterior. La única fuga pertinente será hacia la literatura que, de ningún modo, lo salva.”

fuga pertinente será por meio da literatura que, de nenhum modo, o salva”.<sup>16</sup>

O apagamento do “eu” consiste em uma estratégia pessoal de negação da realidade, através da qual o indivíduo rejeita ou se abstém de aceitar o real. Rosset (1988, p. 12) aponta que há diversas formas de negação: “Posso aniquilar o real aniquilando a mim mesmo: fórmula do suicídio, que parece a mais segura de todas, ainda que, apesar de tudo, um minúsculo coeficiente de incerteza pareça vinculado a ela”. A própria loucura, em suas devidas proporções, é descrita por Rosset como um aspecto de recusa da realidade: “em troca da perda de meu equilíbrio mental, obterei uma proteção mais ou menos eficaz em relação ao real” (ROSSET, 1988, p. 12).

Até mesmo em sonhos, as imagens que William reproduz inconscientemente revelam o esvaziamento e a tentativa de apagamento de seu passado, de suas origens: “Dormi um pouco. Sonhei que estava numa cidadezinha do interior, lá em Cuba, e que na cidade toda não havia viva alma. [...] Só casas abertas, camas brancas e um silêncio total. Não havia um tico de vida” (ROSALES, 2011, p. 17). William não apenas sonha com a ilha de Cuba e suas ruas, como também com o desejo de vingar-se da personificação máxima do regime ao qual estava submetido antes da experiência do exílio:

“Sonhei com Fidel Castro. Ele estava refugiado numa casa branca. Eu atirava na casa com um canhão. [...] E, apesar de ter passado o sonho todo atirando projéteis nele, não consegui tirá-lo daquelas ruínas” (ROSALES, 2011, p. 43).

Na definição de Stuart Hall (2004, p. 48), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação”. Já a memória é o meio que conecta o ser humano ao seu passado. Segundo Le Goff, a memória constitui “um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Ao pensarmos nesse conceito, não há que falar em linearidade: a memória se reproduz por meio de lacunas, vestígios, fragmentos e ressignificações, possibilitando uma reescritura do presente. O resgate da memória implica, portanto, na reconstrução do conteúdo experienciado, um processo intimamente subjetivo, definidor da identidade do sujeito.

A tentativa de esquecimento voluntário ou apagamento da memória dificilmente pode ser alcançada. Isso porque, de acordo com Ricoeur (2010, p. 436), as lembranças que nos marcaram, tocaram ou afetaram permanecem continuamente em nosso espírito. Assim como Rosales, William tem dificuldade de desfazer de seu passado porque

a sua noção de identidade está intimamente ligada ao seu lugar de origem, bem como aos locais pelos quais passou. As tentativas de apagamento ecoam como tentativas de apagamento de si próprio.

Degredado de um país dominado pela miséria, pela censura e pela ideologia comunista, “o personagem se situa no presente como um naufrago que nem pertence ao território que habita nem sente falta do que abandonou” (trecho extraído da orelha da referida edição brasileira de *A casa dos naufragos*, publicada pela Companhia das Letras). Ou nas palavras de Velazco (2015, tradução nossa, grifos do autor): “*Boarding Home* focaliza entre os seres humanos esse indivíduo degradado resultante da História cubana, tanto na Ilha como no exílio. Pois a condição de *degradado* não é privativa de William Figueras.”<sup>17</sup>

Mercer (1990, p. 43 apud HALL, 2006, p. 9) corrobora que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Nesse sentido, compreende-se que a fratura provocada pela perda dos laços de origem, associada ao não-reconhecimento da cidadania além-fronteira e à incapacidade de adaptação no lugar de destino, constituem aspectos fragmentadores da noção fundamental de identidade. Said (2003, p. 48), por

sua vez, compreende o exílio como “uma condição criada para negar a dignidade e a identidade das pessoas”. Esse estado flutuante de despertencimento e desmembramento identitário compelido pelo exílio é justificado, segundo Said, pela separação das raízes, da terra natal, do próprio passado.

De fato, ao analisarmos a denominada “literatura diaspórica”, notadamente aquela produzida pelos autores caribenhos desterrados, verifica-se uma condição psicológica que vai além do sentimento de deslocamento: grande parte dos indivíduos perde a noção de lar, muitos deles mostrando-se incapazes de readaptarem-se à nova sociedade. Quanto aos reflexos da diáspora sobre a identidade cultural caribenha, Hall (2003, p. 33) destaca que

[as questões de identidade cultural] têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais a terra originalmente pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. (...) O que denominamos Caribe renasceu de dentro da violência e

17. “*Boarding Home* focaliza entre los seres humanos ese individuo averiado resultante de la Historia cubana, tanto en la Isla como en el exilio. Pues la condición de averiado no resulta privativa de William Figueras.”

através dela. A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela de dependência colonial (HALL, 2003, p. 33).

Piñera (2000, p. 75 apud MARQUES, 2009, p. 14, tradução nossa), no mesmo sentido, afirma que na literatura de *Mariel* “não há heróis, talvez possamos encontrar anti-heróis, seres comuns e cotidianos distanciados de qualquer encobrimento literário que lhe possa deformar”.<sup>18</sup>

De acordo com Martínez (2002-2003, p. 107), Rosales, em seus últimos anos de vida, havia atingido um grau extremo de declínio físico e mental: estava muito magro, abatido e havia perdido todos os dentes. Perseguido por seus fantasmas e obsessões pessoais, ainda passou por muitas outras instituições psiquiátricas, até instalar-se num pequeno apartamento na zona noroeste de Miami. Já não era capaz de seguir escrevendo.

Numa manhã do mês de julho de 1993, Rosales foi encontrado morto em seu apartamento. Ao lado do corpo, um revólver calibre 38: o escritor havia disparado contra a própria cabeça. Seus últimos desejos, no entanto, foram revelados numa carta deixada por ele: “que meu cadáver seja cremado e minhas cinzas enterradas em qualquer cemitério.

Não quero velórios nem cerimônias fúnebres”<sup>19</sup> (citado por VELAZCO, 2015, tradução nossa). Entre os seus amigos, declara expressamente que faz questão apenas da presença do escritor Carlos Victoria, e de mais ninguém. E encerra o pedido na carta com uma observação imperativa: “Não quero familiares ao redor do meu cadáver”<sup>20</sup> (VELAZCO, 2015, tradução nossa). Teve a sua vontade atendida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta neste estudo buscou analisar os mecanismos de destruição da memória individual e a dinâmica de apagamento do eu presentes no romance *A casa dos naufragos* (2011), considerando-se especialmente os efeitos provocados pelos institutos do exílio e da reclusão, bem como suas consequências na fragmentação identitária do protagonista. A partir das reflexões de Yi-Fu Tuan (2005), Stuart Hall (2003), Rosset (1988) e Ricoeur (2010), observou-se que tais mecanismos são utilizados pelo personagem como estratégias de recusa e negação da realidade.

William Figueras, mergulhado na loucura, na pobreza e na desesperança, é dominado por um sistema político autoritário e intransigente, tornando-se um indesejado tanto em seu país de origem como em seu lugar de destino. A perda dos vínculos de nacionalidade e a supressão do

19. “[...] que mi cadáver sea cremado y mis cenizas enterradas en cualquier cementerio. No quiero velorios ni ceremonias de enterramiento.”

20. “No quiero familiares alrededor de mi cadáver.”

18. “No hay héroes, quizás podremos encontrar antihéroes, seres comunes y cotidianos desprendidos de todo encubramiento literario que le pueda deformar.”

direito à cidadania representam traumas indissociáveis na composição da identidade do indivíduo. Nesse sentido, a *boarding home*, conforme previu William no início do romance, é mais que um asilo psiquiátrico ou uma casa destinada a incapacitados mentais – ela própria simboliza uma engrenagem de aniquilação de identidades; o assombroso declínio dos que não encontraram lugar fixo para viver e que tampouco puderam estabelecer vínculos com suas respectivas nações de origem. O último estágio de rompimento e negação da individualidade.

Em pouco mais de cem páginas, Guillermo Rosales produziu um dos mais profundos testemunhos sobre o exílio cubano. Conforme destaca Abreu (1998, p. 138, tradução nossa): “O primeiro romance miamense, sem nostalgia, assentado em lágrimas e desamparo que é também nosso aprendizado nacional”.<sup>21</sup> Um relato que eviscera as angústias do desterro, confronta as estruturas dominantes e recompõe um período sombrio da história nacional da ilha de Cuba.

#### REFERÊNCIAS

ABREU, Juan. Pequeño elogio de la escoria. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**, n. 8/9 primavera/verano de 1998, p. 135-138. Disponível em: < [https://www.cubaencuentro.com/var/cubaencuentro.com/storage/original/application/](https://www.cubaencuentro.com/var/cubaencuentro.com/storage/original/application/d789e39ce92f389b03345b4c519770fa.pdf)

[d789e39ce92f389b03345b4c519770fa.pdf](https://www.cubaencuentro.com/storage/original/application/d789e39ce92f389b03345b4c519770fa.pdf) >. Acessado em: 12 jul. 2019.

ALFONSO, Vitalina. Guillermo Rosales: una voz ignorada pero imprescindible. **Espacio Laical**, n. 3-4. 2015. p. 44-47. Disponível em: < [http://www.espaciolaical.org/contens/42/Revista\\_completa%203-4%202015.pdf](http://www.espaciolaical.org/contens/42/Revista_completa%203-4%202015.pdf) >. Acessado em: 15 jul. 2019.

ARENAS, Reinaldo. **Antes que anochezca**. 8 ed. Barcelona: Tusquets Editores, 2011.

CABRERA, Isabel I.; MARQUES, Rickley L. Boarding home: Literatura, revolução e exílio. **Revista Brasileira do Caribe**, Brasília, v. X, n. 19, jul-dez 2009, p. 241-257. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/1591/159113063010.pdf> >. Acessado em: 15 jul. 2019.

CASTILLÓN, Juan-Carlos. Donde no se admite el fracaso. Lateral: **Revista de Cultura**, n. 115-116, 2004, p. 7. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1396450> >. Acessado em: 12 jul. 2019.

CASTRO, Arturo Matute. Dos narrativas de Mariel: muestrario de perdedores y suicidas. Mitologías hoy: **Revista de pensamiento, crítica y estudios literarios latinoamericanos**, v. 12, invierno 2015, p. 83-100. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5296456> >. Acessado em: 16 jul. 2019.

21. “La primera novela miamense, sin nostalgia, asentada en el desgarro y el desamparo que es también nuestra enseña nacional.”

ESCOBAR, Mariela Alejandra. Guillermo Rosales: Por los bordes de los márgenes. **Congreso de la Asociación de Estudios Latinoamericanos**. 2009. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: < <https://incubadorista.files.wordpress.com/2012/06/ros.pdf> >. Acessado em: 13 jul. 2019.

FELIPPE, José Abreu. Guillermo Rosales, la soledad y la cólera. **Cacharro(s)**, expedientes 8-9, enero-junio de 2005. Disponível em: < <http://revistacacharros.blogspot.com/2005/08/ultimo-numero-expediente-doble-8-9.html> >. Acessado em: 18 jul. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudio Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.

MARQUES, Rickley L. **A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)**. 2009. Tese de doutorado, Universidade de Brasília (UnB), Brasília. Disponível em: < <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/>

UNB\_c869aee8a74808123f8a3f4fe3c72cb6 >. Acessado em: 16 jul. 2019.

MARTÍNEZ, Ivette Leyva. Guillermo Rosales o la cólera intelectual. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 26/27, p. 98-108, otoño/invierno, 2002-2003. Disponível em: < <https://www.cubaencuentro.com/var/cubaencuentro.com/storage/original/application/141eba74dd08eb8a2ff60e6b5b89ee28.pdf> >. Acessado em: 12 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. El azaroso destino del alambique mágico. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**, Madrid, n. 47, p. 47-48, invierno 2007-2008. Disponível em: < <https://www.cubaencuentro.com/var/cubaencuentro.com/storage/original/application/4d048adc6df0a22367e8d5fc18fbadbe.pdf> >. Acessado em: 12 jul. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 2010.

ROSALES, Guillermo. **A casa dos naufragos**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão**. Tradução de José Thomas Brum. Porto Alegre: L&PM, 1988.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VELAZCO, Carlos. Si nos llamáramos Guillermo Rosales (una obra frente a la intemperie insular). **Revista Conexos**, v. 03, otoño 2015. Disponível em: < <https://conexos.org/2015/07/26/si-nos-llamaramos-guillermo-rosales-una-obra-frente-a-la-intemperie-insular/> >. Acessado em: 20 jul. 2019.

*Recebido em: 04-01-2020.*

*Aceito em: 12-03-2020.*